

O sistema de classificação nominal do Tukáno¹

Thiago Costa Chacon

Resumo – Nas línguas da família Tukáno, duas categorias do discurso têm sido identificadas com base em critérios semânticos e gramaticais: nomes e verbos. Neste estudo focalizo uma das categorias gramaticais que distinguem nomes de verbos em Tukáno, a categoria de gênero, assim como os meios formais pelos quais essa categoria é expressa na língua. Gênero nesta língua divide os nomes em duas classes nominais com base no traço [\pm Animado]. Os referentes nominais de cada classe são passíveis de subclassificações também pautadas em critérios semânticos: masculino e feminino, em relação aos nomes com referentes animados; e contável/incontável, em relação aos nomes inanimados. Também discuto um subsistema de classificação menos gramaticalizado que consiste na classificação da forma física dos referentes de nomes inanimados.

Palavras-chave – Classificação Nominal. Classificadores. Noroeste-Amazônico. Família Tukáno. Tukáno.

1. Introdução

Este trabalho possui 4 seções. Na Seção 1.1 faço um resumo de algumas tipologias e análises sobre sistemas de classificação nominal (SCN) em línguas amazônicas, para então abordar os trabalhos restritos à família Tukáno Oriental e a análise de Ramirez (1997) para o Tukáno. Na seção 2, apresento em linhas gerais a minha visão sobre o SCN do Tukáno, e em seguida exponho de maneira mais profunda as classes nominais em seu aspecto semântico, morfológico e morfossintático, procurando explicitar suas estruturas internas e sua dinâmica em diferentes níveis gramaticais, de modo a evidenciar um sistema de classes nominais com subclassificações. Na Seção 3, trabalho exclusivamente com as subclassificações dos referentes

de nomes animados e inanimados, procurando delinear o status gramatical de suas categorias. A Seção 4 conclui este estudo com a hierarquia semântica e gramatical das categorias do SCN da língua.

Uma primeira versão deste artigo, mais extensa em dados, foi produzida como monografia de graduação em Letras pela Universidade de Brasília. Não é pretensão deste estudo apresentar uma tipologia ou propor teorias sobre os SCN em geral. Ele está limitado à descrição da língua Tukáno e eventuais inferências sobre padrões dentro da família Tukáno Oriental.

1.1 Classificação nominal em línguas amazônicas

Os SCN em línguas da Amazônia receberam por quase três décadas diversas contribuições que põem em relevo, entre outros, o exotismo dessas línguas. Tal exotismo decorre do pouco conhecimento lingüístico sobre os povos da Amazônia, e da própria natureza dessas línguas que desafiam os parâmetros tipológicos dos SCN pré-estabelecidos com base nas línguas da família Niger-Congo e do sudeste-asiático (cf. Grinevald & Seifart, 2004).

Tipologias tradicionais sobre classificadores, como Dixon (1986), não se sustentam ante uma análise simples de um *corpus* limitado de línguas amazônicas (cf. Payne 1990). Por outro lado, houve esforços, especialmente por Derbyshire & Payne (1990) e Aikhenvald (2000), de adaptar as tipologias de classificadores desenvolvidas alhures, como Allan (1977) e Grinevald (1999; 2000), para as línguas amazônicas.

Em Aihkenvald (2000), muitas línguas amazônicas, em especial a língua Tariana da família Aruák do Noroeste amazônico e as línguas da família Tukáno, foram classificadas como sistemas de *multiple classifier system*, i.e nestas línguas os classificadores ocorrem em diversos ambientes sintáticos: como nos adjetivos, numerais, nomes, verbos, em posse, locativos e dêiticos. Já em Derbyshire & Payne (1990) e Barnes (1990), línguas Tukáno foram analisadas como possuindo um sistema misto de classificadores, especialmente a fusão de *numeral classifiers e concordial classifiers*.

Em relação às línguas Tukáno, tais terminologias e análises são resultado de uma confusão inevitável quando se combinam análises morfossintáticas incipientes a modelos tipológicos alheios à realidade destas línguas. O SCN passa a ser enxergado em fragmentos (daí a idéia de sistema *misto*), sem uma interpretação que o veja, semanticamente, numa perspectiva global. Gramaticalmente, pouco se discute qual a relação entre forma, categoria e sentido nos SCN: se existem de fato classificadores nestas línguas ou se são outros tipos de morfemas, quais os níveis gramaticais distintos onde opera classificação nominal, e qual a motivação funcional, diacrônica etc., para a constituição destes sistemas.

Em Grinevald (2000), percebe-se uma tendência tipológica para a correlação entre o ambiente morfossintático de ocorrência dos classificadores e sua natureza semântica. No entanto, as línguas amazônicas apresentam diversas exceções a esta correlação. Mais recentemente, Grinevald & Seifart (2004) sugerem que as línguas da Amazônia apresentam sistemas de classes nominais menos gramaticalizados do que o sistema de classes nominais da família Niger-Congo.

Esse tipo de análise é bem ilustrativa dentro do *continuum* léxico-gramatical de Grinevald (2000), mas não há dados empíricos que corroborem isto. Por exemplo, pode-se tentar imaginar que línguas como o Mundurukú, do tronco Tupi, com menos de uma dúzia de nomes que funcionam como classificadores (Gomes, 2006) poderiam desenvolver um sistema de classes nominais como línguas Bantu. No entanto, em línguas como da família Tukáno; o Miraña, família Witoto; e o Tariana e o Baniwa, família Arauák do Noroeste amazônico, em que há diversos níveis semânticos e gramaticais distintos de classificação nominal, tal paralelismo de Grinevald & Seifart (2004) não faz muito sentido.

Não sem demora, críticas a esse tipo de interpretação surgiram recentemente, sugerindo que talvez as línguas amazônicas mereçam uma tipologia própria que melhor descreva as nuances entre forma, categoria e sentido dos SCN línguas (cf. Seifart & Payne 2007).

O que parece ser necessário é ter em mente o contraste entre as categorias de que lançamos mão para classificar os sistemas de classificação nominal e a realidade intrínseca das próprias línguas. Como Senft (2000) aponta, a descrição destes sistemas deve ser feita por uma perspectiva ‘êmica’, i.e deve haver uma motivação específica em cada língua em particular para que se proponham categorias gramaticais de classificação nominal.

Como sabemos, o léxico e as regras de composição lexicais são os meios mais produtivos de classificação. No entanto, em línguas que possuem SCN mais gramaticalizados, como sistemas de gênero ou classificadores, existem categorias

semânticas (historicamente derivadas do mundo lexical) que são marcadas formalmente (na morfologia, sintaxe etc.) de maneira distinta do que o léxico e as regras de composição lexical. Assim, apesar de uma origem histórica lexical, os SCN marcam também uma oposição ao mundo lexical, o que é expresso de uma maneira essencialmente formal. Este raciocínio está implícito na idéia do *continuum* léxico-gramatical de Grinevald (2000), mas precisa ser identificado e explorado na semântica e morfossintaxe específica de cada língua.

Os SCN das línguas da família Tukáno têm sido descritos, desde a dissertação de Sorensen sobre o Tukáno (1969), como possuindo tanto classes nominais – Animado e Inanimado – quanto classificadores – forma física para inanimados, e número e sexo biológico para animados. O trabalho de Gomez-Imbert (1982) sobre a classificação nominal do Tatúyo foi o primeiro a mencionar níveis gramaticais distintos de classificação nominal, e o contraste entre formas de classificação nominal mais e menos gramaticalizadas. Ela definiu algumas dezenas de classificadores de forma para os nomes inanimados, dividindo-os em *sortal classifiers* e *mensural classifiers*. Mais recentemente (cf. Gomez-Imbert, 2007), a autora propõe a divisão entre *specific class markers* (marcados no sintagma nominal) e *general class markers* (marcados na concordância verbal), seguindo análise do Miraña por Seifart (2005).

Apesar de semelhanças entre o Tatúyo e o Miraña apresentadas por Gomez-Imbert, existem diferenças cruciais nos dois sistemas. Por exemplo, o Miraña parece apresentar um sistema mais dinâmico pragmaticamente, uma vez que por razões discursivas o falante pode optar por um marcador

de classe específico ou genérico ao mencionar uma entidade inanimada (Seifart, 2005), ao passo que em línguas Tukáno os morfemas que corresponderiam aos marcadores de classe genérico ou específico são compulsórios de acordo com o nível gramatical (lexical, concordância nominal e verbal).

Em geral, as línguas Tukáno orientais apresentam um sistema muito semelhante entre si. No entanto, para o Kubéo, Gomez-Imbert (1996) e Morse & Maxwell (1999) apresentam forma física como categoria de classificação animada para alguns animais, e o sexo feminino como categoria menos marcada para outros animais, enquanto para outras línguas Tukáno o masculino é a categoria menos marcada. Stenzel (2004) descreve um padrão similar porém mais reduzido para o Wanáno, em que alguns animais de baixa saliência semântica são classificados por forma física.

A maior diferença encontrada nas descrições das línguas Tukáno orientais está no campo semântico inanimado. Por exemplo, Barnes (1990) descreve mais de noventa classificadores inanimados para o Tuyúka, Miller (1999) descreve mais de cem para o Desáno, enquanto Ramirez (1997) afirma que a língua Tukáno não possui nenhum classificador. Isso se deve tanto à disparidade dos critérios descritivos de cada autor quanto pela variabilidade das formas (mas não da semântica) dos morfemas inanimados. Isso nos faz acreditar que as categorias de classificação dos nomes animados, pela sua homogeneidade tipológica na família e estabilidade gramatical em cada língua, são historicamente mais remotas na família Tukáno.

Para dar conta dos níveis distintos de gramaticalização dos morfemas classificadores, autores como Gómez-Imbert

(1982; 2007) e Stenzel (2005) propuseram um *continuum* léxico-gramatical, de modo que no extremo lexical estão nomes dependentes que possuem o padrão estrutural de uma raiz nominal completa; no meio-termo, estão clíticos, sendo ou raízes não reconhecíveis no léxico da língua ou raízes reduzidas; no extremo gramatical estão os sufixos de gênero e número na sua forma plena ou reduzida (cf. Stenzel, 2005).

A descrição do SCN do Tukáno por Ramirez (1997) se baseia num sistema de classes nominais, evidenciado pelos traços que servem de base para a concordância gramatical: [Animado] e [Contável]. Estes dois traços inerentes evidenciam 3 classes nominais: nomes animados, nomes inanimados contáveis e a classe dos nomes inanimados incontáveis. Ramirez descarta qualquer referência a classificadores na língua Tukáno, o que o afasta de outros autores que analisaram línguas da mesma família.

Em vez disso, ele encara “os classificadores” ou como nomes dependentes ou como sufixos de forma que sempre estão numa relação semântica e sintática com o lexema à sua esquerda de tipo *Determinante-Determinado*. Essa distinção é crucial para estabelecer diferenças estruturais entre sintagmas do tipo Determinante-Determinado e sintagmas de lexemas mais sufixos. Nesse sentido, ele soma mais de 350 nomes dependentes que seriam semanticamente análogos aos classificadores de Barnes (1990). O que está na base de sua visão é que esses nomes e os sufixos de forma não operam nenhuma segmentação nas classes dos nomes, de modo que a princípio não existe nenhuma impossibilidade de combinação de qualquer sufixo de forma ou nome dependente com qualquer outro nome inanimado contável ou incontável.

2. O Sistema de Classificação Nominal do Tukáno

De acordo com a análise que proponho, o SCN do Tukáno possui duas classes nominais – Animado e Inanimado – que, por sua vez, são sub-organizadas por subclassificações, algumas mais outras menos gramaticalizadas. Isso está marcado por uma fluidez do SCN da língua, de modo que o léxico e categorias gramaticais classificam em níveis gramaticais e semânticos distintos os referentes nominais da língua:

1. inerentemente às raízes nominais.
2. na palavra morfológica (domínio restrito);
3. na concordância sintática do Sintagma Nominal (domínio intermediário);
4. na concordância verbo-sujeito (domínio mais amplo).

Para o Tukáno, entendo que as classes nominais são explicitadas lexicalmente pelos traços [+animado] e [+plural] (entidades unitária e coletivas – para seres animados; entidades contáveis e incontáveis para inanimados). Fora isso não podemos falar em classes específicas, senão em *subclassificações de referentes nominais*. O termo ‘subclassificação’ dá conta de processos derivacionais e morfossintáticos, sem a conotação de ‘classes’, o que entendo como sendo a seleção gramatical de itens lexicais, anterior à morfologia e sintaxe.

As subclassificações operam de maneira modular. Itens [+Animado] são subclassificados pelo traço [+feminino]. Itens [-animado] são classificados pela categoria de [forma], baseado em apenas seis subcategorias: *redondo*, *retilíneo*, *forma de abóboda*, *oco/tubular*, *forma de lago* (cf. Ramirez, 1997). Conforme Ramirez (1997), analiso como *nomes* as dezenas de

morfemas que foram interpretados como “classificadores” em outras línguas Tukáno por outros autores (cf. Gomez-Imbert, 1982, 2007; Barnes, 1990; Miller, 2000; Stenzel, 2005; entre outros).

A análise dos seis morfemas que classificam os referentes inanimados com base na categoria [forma] é o ponto mais delicado deste estudo. Conforme demonstro na **Seção 3**, estes morfemas possuem um status gramatical diferenciado dos nomes e dos morfemas gramaticais prototípicos. No entanto, não são “classificadores”, mas sim morfemas mais próximos das propriedades de lexemas do que morfemas gramaticais.

Para encerrar esta introdução, o quadro abaixo apresenta o SCN do Tukáno num perspectiva holística. Proponho que o Tukáno possui dois princípios semânticos que norteiam seu SCN, *Qualitativo* e *Quantitativo*. Qualidade é o que diferencia sexo biológico nos seres animados, e forma física nos seres inanimados. ‘Quantidade’ é o que diferencia unitário e coletivo nos seres animados, e contável e incontável nos seres inanimados.

Tabela 1

	Animado	Inanimado
Qualitativo	Masculino / Feminino	Forma Física
Quantitativo	Unitário / Coletivo	Contável / Incontável

Enquanto estes princípios semânticos mostram certa simetria no SCN do Tukáno, ele esconde o fato de que a categoria de [forma] e os meios formais que a marcam na língua são diacronicamente mais recentes e semanticamente menos estabilizados do que [\pm Feminino]. Assim, o quadro acima dá conta de um processo diacrônico, ainda em evolução no estado atual da língua Tukáno, em que o campo semântico Inanimado desenvolveu um sistema de classificação qualitativa à luz do que já existia para o campo semântico Animado.

Por último, vale notar que os princípios *Qualitativo* e *Quantitativo* são semanticamente universais para as culturas humanas e suas línguas, uma vez que sempre classificamos o mundo com base nestes valores, como *muito/pouco*, *bonito/feio*, *alto/baixo*, *cheio/vazio*, *1,2,3,4,5*, *preto*, *branco*, *vermelho* etc.

2.1 Morfologia dos nomes animados

Os nomes animados correspondem ao mundo humano, animal e metafísico. Seguindo a análise de Gomez-Imbert (1982) e Stenzel (2004)², pode-se fazer uma subcategorização semântica na classe Animado entre lexemas com referentes humanos e não-humanos. Essa subcategorização está baseada tanto em critérios morfológicos quanto semânticos e cognitivos. Os lexemas com referente humano são obrigatoriamente marcados para sexo biológico e número, sendo os traços [+feminino] e [+plural] gramaticalmente marcados, como (1) evidencia:

(1) bikí	:	bikí-ó	:	bikí-rã
velho		velho-fem		velho-pl
“velho”		“velha”		“velhos”

A maioria dos nomes com referente humano são termos de parentesco e evidenciam um processo de gramaticalização dos morfemas que marcam a distinção entre masculino e feminino. Assim, com a raiz nominal **wimá-** “criança”, podemos evidenciar esse processo na morfologia que marca sexo biológico (2a,b), mas não o mesmo para número (2c) (as formas da esquerda, mais conservadoras, são encontradas na fala das gerações mais velhas):

(2a) wi'ma-gí	→	wi'm-í
criança-masc		criança-masc
“menino”		“menino”
(2b) wi'ma-gó	→	wi'm-ó
criança-fem		criança-fem
“menina”		“menina”
(2c) wi'ma-rã		
criança-pl		
“meninos”		

Os nomes de referentes não-humanos são ainda subdivididos em seres individualizados – como grandes mamíferos, cobras e aves – e seres gregários – como insetos e peixes³. Ao contrário dos nomes com referentes humanos, os nomes com referentes não-humanos individualizados não são obrigatoriamente marcados para sexo biológico e a distinção de sexo se realiza não morfologicamente no nome, mas sintaticamente pelos nomes para **imí** “homem/macho” e **numio** “mulher/fêmea”, conforme (3a) abaixo. Além disso, os nomes não-humanos são lexemas singulares que também podem ser pluralizados (3b):

(3a) wekî imi	/	wekî numio
anta homem		anta mulher
“anta macho”		“anta fêmea”
(3b) wekî	→	wekî-á
anta		anta-pl
“anta”		“antas”

É importante ressaltar que os nomes referentes a aves e répteis têm um padrão morfológico semelhante às palavras referentes a grandes mamíferos, como “anta” acima. No entanto, eles não recebem distinção de sexo, devido, em parte, a uma razão prática epistemológica, como um interlocutor Tukáno me informou. Não obstante, isso se verifica mesmo em aves em que facilmente distingui-se o sexo, como galo e galinha.

Os nomes de referentes não-humanos gregários diferem morfológicamente dos seres não-humanos individualizados pelo fato de [+plural] (i.e, referentes coletivos) ser o traço semântico menos marcado, e pela existência de um sufixo específico para a individualização desses nomes (4). Além disso, não há distinção de sexo.

(4a) utiâ	/	utiâ-wĩ
cabas		caba-sg
“cabas”		“1 caba”
(4b) wa’i	/	wa’i-wĩ
peixes		peixes-sg
“peixes”		“1 peixe”

Essa subcategorização em animados humanos, não-humanos individualizados e não-humanos gregários está

relacionada a uma segmentação simbólica do universo concreto, em que o status cultural de alguns animais é definido por suas características naturais e por sua interação com a vida humana.

Gomez-Imbert (1996), em um excelente artigo sobre o SCN do Kubéo, refere-se ao grau de saliência semântico-cognitiva que os animais possuem conforme sua relação com a vida indígena. Seguindo seu pensamento, conclui-se que grandes mamíferos, por exemplo, têm um grau de saliência semântica maior do que animais gregários. Nesse sentido, segmentação semântica do mundo cultural encontra paralelo na segmentação morfológica em línguas Tukáno. O quadro que estas línguas apresentam é de um SCN fortemente motivado, i.e em que categorias do pensamento e culturais encontram-se diretamente vinculadas às categorias lingüísticas. Isto parece ser universal para o SCN da língua.

Mesmo nomes com referentes a algumas aves de comportamento gregário, como “papagaio” **weko**, comportam-se morfológicamente como nomes não-humanos individualizados. No entanto, a inclusão de aves em geral como não-humanos individualizados se justifica tanto morfológicamente quanto culturalmente, uma vez que, mesmo vivendo em bandos, a interação de alguns pássaros com a vida humana dá suporte a um grau de individualização maior em relação, por exemplo, às “abelhas” **mumia**, valiosas para a vida indígena, mas concebidas como seres gregários e tratadas lingüisticamente como tal (cf. Gómez-Imbert, 1996).

No nível da concordância verbo-sujeito, a língua Tukáno também marca a distinção entre sexo biológico e número

(5a,b,c). Nomes não-humanos, não marcados como [+feminino], estabelecem uma relação de concordância com o predicado como nomes intrinsecamente masculinos (5d):

(5a) kũ	biki	nũ-mi
pron.3.masc	velho	ser-3 ^a .pss.masc
“ele é velho”		
(5b) koô	biki-ó	nũ-mo
pron.3.fem	velho-fem	ser-3 ^a .pss.fem
“ela é velha”		
(5c) naâ	biki-rã	nũ-ma
pron.3.pl	velho-an.pl	ser-3 ^a .pss.an.pl
“eles são velhos”		
(5d) pĩrõ	nũ-mi	
cobra	ser-3masc	
“é cobra”		

Em (5d) fica evidente que, quando nomes animados não são marcados para sexo, eles controlam a concordância com base na categoria [-feminino], sendo esse o traço menos marcado. Isso também pode ser notado pela fala de pessoas cuja primeira língua é Tukáno e a segunda (ou terceira, quarta...) o Português. No Português, o gênero, além de ser uma distinção específica de sexo biológico, divide os nomes em duas classes mais ou menos arbitrárias, ‘masculino’ e ‘feminino’. Quando alguns Tukáno falam o Português eles tendem a analisar o sistema de gênero do Português não como “classes”, mas como distinções biológicas, nivelando o Português à lógica da língua Tukáno. Em (6) mostramos uma frase do Português produzida por uma senhora Tukáno:

(6)a. Peduru matou dois paca: um homem e uma mulher.

Pedro matou duas pacas: uma macho e uma fêmea

“Paca”, **semé** – assim como outros nomes animados não marcados como [-feminino] – é inerentemente masculino. Este padrão semântico se repete na fala da senhora Tukáno, o que está claro pela concordância do numeral *dois* no masculino com um substantivo feminino *a paca*, e a subsequente subcategorização entre macho e fêmea.

Vale ainda mencionar que os lexemas animados pluralizados não são marcados para gênero. Isto significa que gramaticalmente eles são neutros em respeito à distinção de sexo. Para distinguir sexo de referentes coletivos homogêneos, as formas para “mulheres” **numiá** e “homens” **imiá** devem constituir um sintagma com nome pluralizado. Essa distinção de sexo sobre lexemas pluralizados não avança em outros níveis gramaticais, como na concordância no sintagma nominal e no verbo, prevalecendo a marcação de [+plural], o que reforça a idéia de que o plural animado é intrinsecamente neutro em relação à distinção de sexo.

(7) [ã'rá] [peo-rã numiá] nii-ma
 [este-an.pl] [servir-an.pl mulheres] ser-3^a.pss.an.pl
 “estas mulheres são serviçais”

A distinção de sexo biológico dos nomes humanos revela um caráter puramente biológico. Uma vez que nomes não marcados para gênero são intrinsecamente masculinos, não existe uma classe de nomes intrinsecamente femininos, conforme afirma Ramirez (1997).

Enquanto para seres humanos a categorização de sexo biológico é flexional, para não-humanos ela é sintática. Isso representa um declínio entre uma maior complexidade léxico-morfológica dos nomes humanos, para uma menor complexidade dos nomes não-humanos (cf. Stenzel 2005, para uma análise semelhante). Deste modo, a categoria qualitativa [\pm feminino] possui função central dentro da classe dos nomes animados: sintaticamente, ela marca paradigmas distintos de concordância verbo-nominal, e, semanticamente, ela hierarquiza os referentes nominais (cf. **seção 3** abaixo).

2.2 Morfologia dos nomes inanimados

Os nomes inanimados correspondem ao mundo natural físico, aos objetos manufaturados, aos elementos geográficos, à flora, partes do corpo etc. São distintos dos nomes animados devido à sua referência semântica, a suas propriedades morfossintáticas e às subcategorias semânticas que apresentam: basicamente a distinção entre nomes inanimados contáveis e incontáveis, além de uma categorização dos referentes nominais por meio de um paradigma de sufixos de forma.

A distinção das subcategorias contável e incontável se realiza por dois critérios semânticos com base nas propriedades dos referentes nominais: 1. *Nomes contáveis* possuem como referentes entidades unitárias e definidas (como “casa”, “cesto”, “roça”, “rio”, “caminho”, “fruta” etc); *Nomes incontáveis* se referem a entidades maciças, informes, contínuas, abstratas e/ou genéricas (como “vegetais”, “líquido”, “terra”, “farinha”, “estória”, “doenças”, “sentimentos” etc). 2. é um sistema contrastivo com base na categoria quantitativa [\pm plural].

Morfologicamente, essa distinção pode ser evidenciada pelo fato de que nomes contáveis podem ser pluralizados ao combinarem-se com o sufixo plural **-ri** (alguns nomes têm um sufixo de número irregular, com a forma **-seri**) (Ramirez, 1997). Os nomes incontáveis, evidentemente, não são pluralizados. Naturalmente, os nomes contáveis são unidades passíveis de quantificação direta pelos numerais da língua:

(8) ni'kâ wi'i	→	ba'paritisé wi'-seri
1 casa		4 casa-in.pl
“uma casa”		“quatro casas”

Todos os nomes contáveis com que tive contato são pluralizados apenas a partir da quarta unidade⁴, contrastando com os nomes animados, que são pluralizados sempre a partir da segunda unidade. Um referente contável, como “casa” **wi'í**, é tratado morfologicamente igual com 1, 2 até 3 unidades, e somente com 4 unidades ele recebe um sufixo de “plural”. Isto é, para nomes inanimados contáveis em Tukáno, a categoria ‘plural’ não se aplica canonicamente conforme as oposições *unidade/coletivo* e *singular/plural*, que vemos em línguas européias e nos próprios nomes animados do Tukáno.

Existe uma distinção morfológica nos numerais da língua que parece ser paralelo a isso: os números ‘1’ **ni'ka-**, ‘2’ **pia-** e ‘3’ **i'tia-** possuem raízes nominais monomorfêmicas, enquanto o número 4 **ba'pariti-** é uma palavra que vagamente significa “pares”, “duplos”.

No entanto, o mais interessante deste fenômeno é que nomes contáveis pluralizados (i.e a partir da quarta unidade) são interpretados pela língua conforme nomes incontáveis para

efeitos de concordância no sintagma nominal. Isto é, conforme se vê em (9) abaixo, ‘roças’ – um nome contável pluralizado – controla a concordância com o demonstrativo conforme ‘água’ – um nome incontável. Veja (9) abaixo:

(9a) a’ti wesé *(singular)*

esta roça

“esta roça”

(9b) a’t-e wese-ri *(plural)*

este-in.pl roça-in.pl

“estas roças”

(9c) a’t-e ako *(incontável)*

este-in.pl água

“esta água”

Isso sugere que a distinção contável/incontável não é absoluta. Parece existir um vínculo semântico entre os referentes nominais incontáveis e contáveis pluralizados, o que se traduz pela mesma marca de concordância no sintagma nominal. Conforme apresentado na introdução à **seção 2**, acredito que isso se deva ao traço semântico quantitativo [\pm plural], de modo que nomes inanimados são marcados no léxico como [\pm plural], assim como na sintaxe de concordância nominal o núcleo do sintagma nominal também é marcado como [\pm plural].

Um outro elemento morfológico que distingue nomes contáveis de incontáveis é que os nomes incontáveis se combinam com um sufixo partitivo ou um paradigma de sufixos que os singularizam e indicam a forma física do referente nominal. A diferença entre o sufixo partitivo e os sufixos de

forma é antes de tudo semântica: o partitivo não agrega valor semântico ao nome formado, enquanto os sufixos de forma sim. Exemplo com o vegetal pupunha **ĩré** e com o vegetal tabaco **mi'rô**:

(10a) mi'rô-ro

tabaco-part

“cigarro”

(10b) ĩrê-(g)ã

pupunha-f.roliça

“fruta pupunha”

Existe um grupo de nomes inanimados que foram tratados pela literatura ora como classificadores (Gomez-Imbert, 1982; Barnes, 1990) ora como nomes dependentes (Ramirez, 1997). Ramirez aponta para o fato de que estes nomes constantemente se apresentam como núcleos de um sintagma nominal, determinados por um lexema independente à sua esquerda e desprovidos de tom. Seria uma estrutura de modo determinante-determinado, em que o lexema independente completa semântica e sintaticamente o lexema dependente (determinado). Exemplos com os nomes dependentes: “linha” **kaa**, “cacho” **tô'o** e “líquido” **koo**:

(11a) wi'-sêri kaa

casa-inpl linha

“linha de casas”

(11b) ohô tô'o

banana cacho

“cacho de banana”

(11c) ohô tō'o-ri

banana cacho-in.pl

“cachos de banana”

(11d) ĩrê koo

pupunha líquido

“vinho de pupunha”

Esses nomes dependentes são morfologicamente como qualquer outro nome inanimado, recebendo o mesmo sufixo de número quando se referem a entidades contáveis (cf. (11c)). De fato, todos os nomes “independentes” também podem assumir a posição de núcleo sintático num sintagma de tipo determinante-determinado (12a) e perdem o tom quando se encontram nessa posição sintática. Não há, nesse sentido, restrições sintáticas para os nomes independentes. Também não há restrições estruturais que impossibilitem que um “nome dependente” possa aparecer independentemente como argumento de uma oração (12b).

(12a) basa-rí wi'i

cantar-in casa

“casa de canto/dança”

(12b) pehe-rí see-gíti

semente-in.pl catar-1p.fut.an.sg

“vou catar sementes”

De fato, a subcategorização como “nomes dependentes” se justifica com maior destaque pela semântica desses nomes inanimados, que são naturalmente insaturados como *fio* (*de*),

suco (de), semente (de), cacho (de), campo (de), dia (de), pai (de alguém) etc., e com menor destaque a fatores estruturais. Acredito que o fato de ser raro encontrarmos esses nomes como argumentos autônomos se justifica, então, por sua natureza semântica; o que não desmerece o status de “nomes dependentes”, caso entendamos o que justifica essa alcunha.

Talvez uma melhor terminologia para descrever este fenômeno seja a distinção entre termo *absoluto* e termo *relativo*, usados pelos Jesuítas do século XVI e retomados por Rodrigues (1983) para as análises de línguas Tupí. Entendemos que dizer *relativo* em vez de *dependente* dá ênfase maior a um aspecto semântico do que estrutural.

Os sufixos de forma, introduzidos acima junto com o partitivo, merecem uma atenção especial. A **seção 3.2** se voltará com maior profundidade a esta classe de morfemas. Semanticamente eles estão relacionados à forma de um referente lexical. Eles constituem um inventário limitado de morfemas e formam um paradigma da categoria [forma] que está entre o status lexical e morfemas gramaticais. Majoritariamente se afixam aos inanimados incontáveis e a seus modificadores no SN. Não subdividem os nomes incontáveis em classes gramaticais, de modo que um sufixo pode se combinar com indefinidas raízes e uma raiz com diferentes tipos de sufixos (Ramirez, 1997).

Segue na Tabela 2 a listagem feita por Ramirez (1997), acrescida por mim de seus alomorfes, que estão entre parênteses. Em (13), exemplifico algumas palavras formadas por estes sufixos e sua forma no plural.

Tabela 2

Forma roliça (f.rol)	-ga (-kha)
Forma de pote (f.pot)	-tĩ (-ri)
Forma retilínea (f.ret)	-gi (-khi)
Forma tubular (f.tub)	-wi (-phi)
Forma de abóboda (f.abo)	-wa (-pha)
Forma de lago (f.lag)	- ra

(13a) ũyũ-(g)a	→	ũyũ-pa(g)a
abacate-f.rol		abacate-f.rol.pl
“a fruta abacate”		“as frutas abacates”
(13b) bia-tĩ	→	bia-parĩ
pimenta-fpot		pimenta-fpot.pl
“panela de quinhãpira”		“panelas de quinhãpira”
(13c) âri-gi	→	âri-pagi
cana-fret		cana-fret.pl
“pé de cana-de-açúcar”		“pés de cana-de-açúcar”
(13d) peka-wi	→	peka-pawi
lenha-ftub		lenha-ftub.pl
“espingarda”		“espingardas”

(13e) siô-wa	→	siô-pawa
peneira-fabo		peneira-fabo.pl
“peneira”		“peneiras”
(13f) doê-ra	→	doe-para
traíra-flag		traíra-flag
“lago da traria (toponímia)”		“lagos da traíra”

Assim como com nomes animados, existe para os inanimados um sistema de concordância entre sujeito e o verbo. No entanto, os sufixos que marcam a concordância entre um sujeito inanimado e o verbo não distinguem subcategorias (como contáveis vs. incontáveis) como o fazem os sufixos animados para gênero e número.

(14a) ãrê-(g)a	birike’a-á-pi
pupunha-frol	cair-pass.rec-3 ^a .p.in
“a pupunha caiu”	
(14b) si-ki yuki-(g)ï	birike’a-á-pi
aquele-fret árvore-fret	cair-pass.recente-3 ^a .p.in
“aquela árvore caiu”	

Além disso, os sufixos que marcam a concordância entre o verbo e um sujeito inanimado são os mesmos sufixos verbais que marcam a primeira e a segunda pessoa do discurso, i.e, a forma verbal para a sentença (14a) “a pupunha caiu” é a mesma na sentença “eu caí” (15) (cf. **seção 2.3**).

(15) yi’ï birike’a-á-pi
eu cair-pass.recente-1 ^a .p.an
“eu caí”

2.3 Sintaxe

Nesta seção, apresento como concordância sintática também é um aspecto semântico-gramatical importante para a configuração do SCN do Tukáno.

2.3.1 Concordância

A concordância gramatical evidencia dois níveis distintos onde as propriedades semânticas apresentadas na morfologia das classes nominais são relevantes para a marcação de concordância dentro do sintagma nominal e na concordância verbo-sujeito.

Percebe-se um *continuum* dentro do sistema de classificação do Tukáno que vai de uma maior complexidade de especificação semântica no núcleo do sintagma nominal e decresce ao longo dos modificadores do sintagma nominal até atingir um nível de especificação mínimo na concordância verbal (cf. **seção 4**).

(16) Palavra morfológica > Concordância no SN > Concordância Verbal

Na concordância verbal as subcategorias dos nomes inanimados ([forma] e/ou [\pm plural]) são irrelevantes, e um sujeito inanimado é marcado no verbo somente pela categoria [-Animado] (i.e inanimado) (17a) e (17c). Isto contrasta com a classe dos nomes animados, pois um sujeito animado ainda controla a concordância com verbo com base nas categorias [\pm plural] e/ou [\pm feminino] (17b).

- | | | | |
|--------------|---------------------------|---------------|--|
| (17a) | ni'kã-(g)i | yukîsi | ehâ-ro wee-' |
| | 1-f.ret | canoa | chegar-in progressivo-3 ^a .in |
| | “uma canoa está chegando” | | |

(17b) **yiʔi u'â-go wee-'**
 eu banhar-an.+fem progressivo-1ª.an
 “estou tomando banho” (mulher)

(17c) **po'ka poâ-ro wee-'**
 farinha estragar-in ingressivo-3.in
 “a farinha está estragando”

Como se vê em (17), a primeira pessoa do discurso e nomes inanimados são marcados igualmente como sujeitos no verbo, o que também se dá com a segunda pessoa do discurso. A terceira pessoa do discurso animada (masculino, feminino ou plural) possui um tratamento diferenciado, como se pode ver em (5a,b,c) acima.

Apesar de formalmente sujeitos de primeira e segunda pessoa, e inanimados receberem a mesma marca, este fenômeno se dá justamente pelo fato de eles serem essencialmente diferentes. O que está em jogo no verbo em Tukáno é uma hierarquia semântica que toma sujeitos animados de terceira pessoa como categorias mais marcadas, enquanto sujeitos de primeira e segunda pessoa do discurso como menos marcados. Participantes do discurso são canonicamente animados, enquanto sujeitos inanimados são menos previsíveis.

Deste modo, o que está em jogo na hierarquia de concordância verbo-sujeito é uma oposição bilateral: primeiro, inanimado vs. animado; segundo, participantes do discurso vs. terceira pessoa animada, i.e [+pessoa] vs. [-pessoa] animada. Retomando a idéia de que [+feminino] é a categoria mais marcada, temos a seguinte hierarquia proposta:

(18) Inanimado

X

Animado → **1^a, 2^a pessoa > 3^a animada plural > 3^a pessoa [-feminino] > 3^a pessoa [+feminino]**

Nos modificadores do sintagma nominal, nomes animados ainda controlam a concordância com base nas mesmas categorias da morfologia e da concordância verbo sujeito. Em (19a) vemos como o modificador **doagó** “cozinheira” concorda com sujeito [+feminino] **yi’î nimo** “minha esposa”; enquanto em (19b) um sujeito plural “minhas irmãs” controla a concordância com o demonstrativo pelo traço [+plural].

(19a) yi’î nimo	doa-gó	nîi-mo
eu esposa	cozinhar-fem	ser-3 ^a .ps.fem
“minha esposa é cozinheira”		

(19b) sô-hoá	yi’î akawererã numiã	nîi-ma
aquele-an.pl	eu parente-an.pl	mulher ser-3 ^a .ps.pl
“aquelas são minhas irmãs”		

Os nomes inanimados, em contraste ao que ocorre na concordância verbo-sujeito, controlam a concordância com seu modificadores com todas as categorias semânticas evidenciadas em 2.1, i.e [forma] e [±plural]. Considere os exemplos em (20).

(20a) joana yeé	po’ka	yã’a-sé
joana poss-in.pl	farinha	ser^mal-in.pl
“a farinha ruim da Joana”		

(20b) a’ti-ga	îre-gá	sôa-kha
este-f.rol	pupunha-f.rol	ser^vermelho-frol
“esta pupunha vermelha”		

A grande maioria do léxico inanimado contável não é marcado pela categoria [forma]. Deste modo, a concordância é marcada pela cópia do nome que funciona como núcleo gramatical em cada modificador do sintagma nominal. Como em (21):

(21) **a'ti wese mĩ yaá wese ãyu-rí wese nii-'**

este roça eu poss roça ser^bom-in roça ser-3.in

“esta tua roça é bonita/boa”

Muitos lingüistas assumiram este padrão de concordância como sinal de que nomes como “roça” são classificadores deles próprios, i.e. *repeaters*. Discordo desta hipótese, pois assumo que o padrão de concordância dos nomes inanimados contáveis é o menos marcado e o mais produtivo, justamente pela maioria dos nomes inanimados não ser categorizada por [forma].

Há ainda alguns nomes contáveis que não são morfologicamente marcados por um sufixo que indica [forma], mas que semanticamente controla a concordância por esta categoria, como em (22) abaixo:

(22) **wêô pahi-phĩ nii-'**

flauta ser^grande-f.tub ser-3.in

“a flauta é grande”

Isso demonstra uma maior relevância semântico-gramatical da categoria [forma], e conseqüentemente sua crescente função na gramática Tukáno. Como vemos pelos exemplos onde [forma] marca a concordância no sintagma nominal, o comportamento morfossintático dos morfemas de forma se assemelha ao dos nomes inanimados contáveis que não são marcados por esta categoria, como se compara em (20b)

e (21). Isto não é de se estranhar, uma vez que os morfemas de forma são historicamente advindos dos nomes inanimados contáveis. No entanto, exemplos como (22) mostram uma diferenciação adicional entre eles. Isto será melhor discutido na seção 3.2.

3. Categorias qualitativas

3.1 Animados: [\pm Feminino]

Nesta seção, procuro acrescentar argumentos para definir semântico e gramaticalmente a categoria [\pm feminino], que é central para a semântica, morfologia e sintaxe dos nomes animados.

Superficialmente, ela corresponde à distinção de sexo dos nomes animados, porém sua natureza semântica vai além da polaridade masculino/feminino, configurando uma distinção de três subcategorias animadas: humano, não-humano e não-humano gregário (cf. Gómez-imbert, 1982, para o Tatúyo; e Stenzel, 2005, para o Wanáno). Isso é perceptível unicamente pela forma gramatical que [\pm feminino] toma quando marcada nos nomes: na maioria dos nomes humanos, ela é marcada por um sufixo (23a), e em alguns casos ela é interna ao padrão canônico bimoraico das raízes do Tukáno (23b):

(23a) biki-o

velho-fem

“velha”

(23b) pak-o

pai/mãe-fem

“mãe”

O contraste com os nomes animados não-humanos se dá de dois modos: primeiramente, a marcação de [+feminino] é obrigatória em nomes humanos, i.e o falante não pode optar por uma forma semanticamente neutra ou genérica; por outro lado, nos nomes não-humanos, apenas para os não-humanos individualizados, ela é um recurso semanticamente optativo e pragmaticamente marcado.

Além disso, a forma da categoria [+feminino] nos nomes não-humanos individualizados é marcada pelos nomes referentes a *homem* e *mulher* (24a) e (24b), formando um composto lexical, e não uma palavra com um único lexema como os nomes humanos.

(24a) yama imi'

veado homem

“veado-macho”

(24b) yama numio

veado fêmea

“veado-fêmea”

Por último, nomes não-humano gregários não recebem marca de sexo.

Desta maneira, pode-se ainda dizer que, para nomes humanos, a categoria [+feminino] funciona exatamente como um tipo de *Flexão Inerente* (cf. Anderson, 1985), enquanto para não-humanos individualizados, todavia, ela é um recurso lexical.

A categoria [+feminino] também funciona no nível da concordância com verbo e modificadores do sintagma nominal, como dêiticos, demonstrativos e deverbais. É importante

notar que [+feminino] não é um recurso derivacional para os modificadores deverbiais, como se poderia pensar. Ramirez (1997) analisa um derivativo de ordem tonal, seguido pelas marcas [+feminino], para referentes animados, ou [+contável] para inanimados.

É notável que, desta maneira, flexão em Tukáno é um recurso semanticamente motivado, baseado nas propriedades dos referentes nominais, e não em marcas ou categorias puramente gramaticais. Por exemplo, o nome próprio **baria** não possui marcas formais de [+feminino], mas mesmo assim controla concordância com esta categoria.

(25) baria wametí-mo

baria chamarse-3.ps.fem

“ela se chama Maria”

A categoria [+feminino] que propomos captura melhor os fenômenos semântico-gramaticais da língua do que se analisássemos apenas pela ótica dos morfemas que marcam esta categoria, o que muitas vezes se faz quando se procura descrever *classificadores*. De fato, para descrever a função gramatical, o tipo de subclassificação semântica e a diversidade das formas morfológicas que marcam [+feminino] não se fez necessário evocar uma classe gramatical de classificadores, o que de fato ainda amplia as generalizações semântico-gramaticais do sistema de classificação da língua.

3.2 Inanimados: [forma]

Nesta seção procuro adicionar elementos à descrição da categoria [forma], tentando demonstrar como sua natureza

semântica e gramatical é essencialmente diferente do que na literatura convencionou-se chamar de classificadores como uma classe gramatical (cf. Grinevald, 2000; Senft, 2000). Ênfase como esta categoria é diferente do mundo lexical, mas preserva muitas semelhanças semântica e estruturais, o que simultaneamente a afasta das propriedades de nomes regulares da língua e de classificadores tipologicamente.

A categoria [forma] no Tukáno é a única que não segue uma lógica binária. Poderia se propor que [+forma] são os nomes que controlam concordância por um sufixo de forma, enquanto os nomes que controlam a concordância pela repetição dos próprios nomes seriam marcados como [-forma]. No entanto, [+forma] não corresponde ao fato de haver seis formas possíveis em que um nome pode ser categorizado. Já a categoria [forma], sem valores binários, captura o fato que alguns conceitos são lexicalmente marcados por [forma], enquanto em outros esta categoria não é especificada, i.e [Ø].

Tecnicamente, [forma] pode se referir a qualquer e infinitas formas, mas a língua dispõe de apenas seis subcategorias (roliço, retilíneo, abóboda etc.), o que naturalmente delimita seu valor. A explicação porque apenas estas seis subcategorias categorizam os nomes inanimados se dá pela análise minuciosa da forma e função destes morfemas, bem como o contraste com outras classes de morfemas da língua e considerações históricas.

Semanticamente, podemos fazer um paralelo entre [forma] e **campos lexicais**, pois ambos reúnem um núcleo de subcategorias que selecionam os elementos pertencentes à super-categoria, como [forma]. É bem provável que ela tenha se

originado como um campo lexical, porém os nomes e categorias passaram por um processo de especialização semântica e funcional, além de uma diferenciação morfológica ao longo do tempo.

Grinevald (2000) aponta que todas as línguas do mundo produzem tipos de classificação lexical, como quantificadores (*measure terms*) que potencialmente correspondem a significados de forma, tamanho, ordenamento etc., como no Português *um punhado de farinha, uma matilha de lobos, um bando de pássaros, uma fatia de pão* etc. Quantificadores são essencialmente recursos lexicais em línguas européias, e contrastam com *classificadores*, que são recursos mais gramaticalizados.

O Tukáno não é exceção e possui lexemas que têm semelhanças estruturais, semânticas e funcionais aos tipos de quantificadores acima. No entanto, eles contrastam com os morfemas da categoria [forma] essencialmente pelas diferenças morfológicas entre ambos.

3.2.1 Forma e função dos sufixos de forma

O tipo de sintagma canônico para o Tukáno é a estrutura *determinante-determinado* (d-d). Esta estrutura é bastante produtiva na formação de locuções nominais, e no uso de quantificadores. Às vezes pode ocorrer de sermos tentados a analisar sintagmas como

- (26) ohô tō'o
 banana cacho
 “cacho de banana”

(26) ãtã pĩhi

pedra lâmina

“lâmina de pedra”

como se fossem “banana em forma de cacho” e “pedra em forma de lâmina”. Essa leitura não é autorizada pela língua, como vemos em outros sintagmas também do tipo d-d em (27):

(27a) kĩ'i nimo

ele esposa

“esposa dele”

(27b) buti-rí wi'i

ser^branco-in casa

“casa branca”

Para o Tuyúka, Barnes (1990) analisou muitas vezes o elemento determinado de um sintagma *determinante-determinado* (d-d) como um classificador (para uma crítica a Barnes vide Ramirez, 1997b). Mas o que permite ao lingüista dizer “ele em forma de esposa” ou “branco em forma de casa”? Ou por que interpretarmos (31) de uma maneira e (32) de outra? Esse problema também está relacionado aos *repeaters*, principalmente no nível da concordância nominal (cf. **seção 2.3**). Entender que “os nomes ocupam posições sintáticas reservadas aos classificadores”, conforme amplamente se define um repeater, é inverter a ordem de um processo histórico, que seria melhor explicado pela idéia de que *os classificadores ocupam lugares que antes eram reservados aos nomes*.

Assim, uma primeira conclusão a que chegamos é que encarar o núcleo das estruturas d-d como tendo função de classificação no Tukáno não é *emicamente* motivado.

Isso poderia ser diferente para os sufixos de forma, uma vez que sintagmas d-d formam uma *locução lexical*, enquanto palavras combinadas a um sufixo de forma formam *compostos* (Ramirez, 1997, diferencia as duas estruturas com base na prosódia e variação alomórfica). Os sufixos de forma são morfossintaticamente dependentes de um lexema, enquanto no sintagma d-d o nome determinado é estruturalmente livre, mesmo sendo um termo *relativo*. Outros aspectos morfológicos diferenciam os dois tipos de estruturas:

(i) sufixos de forma possuem uma forma plural particular, enquanto nomes que ocupam a posição de *determinado* num sintagma d-d se comportam como qualquer outro nome para marcação do plural (cf. **seção 2.2**).

(ii) quando combinados a verbos, os sufixos de forma apresentam os alomorfes da **Tabela 2**. Isto se dá por um processo morfofonêmico em que um sufixo inanimado do deverbal se funde com a forma plena dos sufixos de forma, causando a alternância alomórfica (28a). O mesmo não se dá com qualquer outro nome inanimado do Tukáno (28b):

(28a) ũyu-gi ãyu-khi

abacate-fret ser^bom-fret

“bonito abacateiro”

(28b) ohô tō’o ãyu-rí tō’o

banana cacho ser^bom-in cacho

“bonito cacho de banana”

(iii) Um sintagma d-d pode ser formado por 2 ou mais lexemas, enquanto um sintagma formado por um único lexema não pode receber mais de um sufixo de forma.

Outras diferenças, todavia, apontam mais para uma semelhança entre os dois tipos de sintagmas, ou entre lexemas e sufixos de forma:

(iv) os sufixos apresentam uma base semântica passível de predicação por um deverbais em função adjetiva. Isto os aproxima semanticamente dos nomes:

(29a) **ũyu** **i'miâ-khi**
 abacate ser^{alto}-fret
 “abacateiro alto”

(29b) **ohô** **i'miai-rí** **yõo**
 banana ser^{alto}- in.sg palmeira
 “bananeira alta”

É importante notar que tanto **abacate** e **banana** são nomes incontáveis, e o deverbais **ser alto** não pode se referir diretamente às entidades incontáveis, senão aos morfemas com uma denotação referencial, **retilíneo** e **palmeira**.

(v) a concordância sintática dos sufixos de forma e dos nomes contáveis se dá pela mesma estratégia de repetição do morfema particular em cada modificador nominal (cf. **seção 2.3**).

(vi) Para processos de derivação e formação de novas palavras tanto os nomes quanto os sufixos de forma são bastante utilizados. Exemplo com o nome incontável **komé** “metal”:

(30) Sufixos de Forma		Nomes	
kometi	“panela”	kome pũĩ	“espinafre”
metałfpot		metal folha	
komegá	“machado”	komé be'to	“anel”
metałfrol		metal círculo	
komegĩ	“bastão de ferro”	kome daá	“arame”
metałfret		metal fio	

(vii) como marcadores de referência discursiva, os nomes dependentes e os sufixos de forma deixam um halo semântico para interpretação de formas anafóricas que geralmente são bem explicitados pelas informações do discurso, digressões ou gestos. Assim, em (31) um falante está saindo de casa e faz um dos possíveis pedidos para seu filho:

(31a) **yaa-wi mii-ya**

poss-ftub] trazer-imp

“traga a minha espingarda (lit. traga o meu ‘tubular’)”

(31b) **yaa pīhí mii-ya**

poss lâmina trazer-imp

“traga o meu facão (lit. traga a minha lâmina)”

As ilocuções soam vazias fora de contexto, mas para uma situação habitual o ouvinte dificilmente hesitaria relacionar (31a) a um referente específico **pekawī** “espingarda” e (31b) a **di’i pīhi** “facão”.

Como vemos, os sufixos de forma ao mesmo tempo em que se diferenciam também se aproximam do mundo lexical. Ainda, podemos comparar os sufixos de forma com outros sufixos da língua.

(i) Os sufixos de forma se assemelham a outros sufixos da língua por fatores de prosódia e regras segmentais. Ambos estão sujeitos a regras de harmonia nasal, em que um lexema intrinsecamente nasal nasaliza um sufixo oral:

(32a) **ĩrê-a [ʔĩréã]**

pupunha-f.rol

“fruta pupunha”

(32b) seme-á [sêmeã]

paca-an.pl

“pacas”

(ii) A estrutura morfêmica reduzida dos sufixos em relação aos nomes: sufixos são monomoraicos, enquanto lexemas são bimoraicos (Ramirez, 1997). Além disso, a presença de alofones que somente ocorrem em posições intramorfêmicas, como [r] : /d/ no sufixo de forma de pote **-rĩ** e o sufixo para plural animado **-rã**. Ou a presença do fonema [g] que não mais existe no início de lexemas em Tukáno, restringindo-se apenas aos sufixos: forma redonda **-ga** e animado masculino **-gĩ** (Ramirez, 1997).

Por outro lado, outros elementos tendem a diferenciar sufixos de forma de outros sufixos canônicos da língua:

(ii) os sufixos de forma possuem uma categoria de número, o que os aproxima mais de nomes do que de outros sufixos que não possuem esse tipo de categoria.

(iii) Apesar de Ramirez diferenciar nomes dependentes de sufixos porque os primeiros podem ser conceitualizados por falantes e os últimos não, se perguntarmos o que significa **-a** em **irê-a** “fruta de pupunha”, muitos falantes não hesitarão em conceitualizar este morfema.

(iii) o significado das formas dos sufixos de forma está bem mais próximo de significados lexicais do que de categorias gramaticais expressas por sufixos, como tempo/modo/aspecto e número.

Nesse sentido, o status de *sufixos* de forma revela um hibridismo gramatical que não os qualifica como nomes, tampouco sufixos canônicos. Isto revela um estágio histórico

destes morfemas que se originaram de nomes e de um tipo de estrutura d-d, para uma atual situação incipiente de uma classe gramatical diferenciada.

3.2.2 Diacronia da categoria [forma]

Nesta seção, procuro mostrar como os sufixos de forma evoluíram como um paradigma fechado, diferente de nomes e de outras reduções fonológicas da língua. Demonstro sua origem lexical no ambiente sintático de *determinados* numa estrutura d-d e sua crescente função gramatical na língua.

Na língua Tukáno, é sistemático o desgaste segmental de nomes que geralmente se encontram na posição de determinados num sintagma d-d. Isso ocorreu tanto com os sufixos de forma quanto com outros tipos de formas fonologicamente reduzidas. Abaixo estão algumas formas fonologicamente reduzidas, seguidas de sua provável origem diacrônica:

- | | | |
|------------------------|---|---|
| (33a) i'tiâ-ka | ← | i'tiâ pi'ka |
| 3-dedo | | 3 dedo |
| “três dedos” | | |
| (33b) seme-yã | ← | semé dia |
| paca-rio | | paca rio |
| “rio paca (toponímia)” | | |
| (33c) wa'i-kihi | ← | wa'i biki (cf. Desano wa'i bigi) |
| peixe-velho | | peixe velho |
| “animal da floresta” | | |

Todas as formas da direita, que remontam à origem das formas reduzidas, são de uso diário na língua. Em (34), o

mesmo é proposto para o paradigma dos sufixos de forma, no entanto, em alguns casos não há uma relação direta no Tukáno entre o sufixo e o lexema correspondente. Neste caso, usaremos possíveis cognatos de línguas da mesma família.

(34a) **-ga** forma roliça ← *diká* “fruta”

(34b) **-ti** forma de pote ← *hoti* (Tatúyo), *soti* (Makúna)
“pote”

(34c) **-gi** forma retilínea ← *yuki* “árvore”

(34d) **-wi** forma tubular ← *wii* “oco de pau” (cf.

Ramírez, 1997)

(34e) **-wa** forma de abóbada ← ?

(34f) **-ra** forma de lago ← *ditara* “lago”

Todos os lexemas do Tukáno que correspondem a um sufixo de forma existem regularmente na língua. Por exemplo, para um referente genérico para “fruta”, diz-se **yuki diká** (árvore fruta), e não ***yuki-ga** (árvore-f.rol). Como se vê, sufixos de forma e as formas reduzidas em (33), ambos têm uma origem lexical. Além disso, uma forma como **-ya** “rio” também é um morfema formativo bem produtivo na língua e prosodicamente se assemelha a outros sufixos, como se vê por exemplo na passagem de nasalidade de um lexema nasal: [*sēmē-ỹã*] “paca”.

Apesar disso os morfemas reduzidos e os sufixos de forma são essencialmente diferentes no Tukáno. Isso pode ser mostrado na forma plural de **-ya** que recebe a marca de plural como qualquer nome inanimado contável, diferentemente do que vimos para o sufixos de forma em (13):

(35) **semeya** “rio-paca” ← **seme-ya-ri** “rios-paca”

Isso sugere que a diferença crucial entre os dois tipos de morfemas é em termos qualitativos e não quantitativos. Isto é, além do que sugere um *continuum* de gramaticalização (cf. Gómez-Imbert, 2007, para o Tatúyo), em que um morfema como **-ya** “rio” seria tido como menos gramaticalizado do que os sufixos de forma em Tukáno, o que parece estar em jogo além disso é uma diferença fundamental entre os dois tipos de morfemas, principalmente pela particularidade e homogeneidade semântico-gramatical dos morfemas de [forma] em contraste com as simples reduções fonológicas.

A principal função dos sufixos de forma, como se sabe, é singularizar nomes incontáveis, especificando a forma do referente nominal. Nesse sentido, existe uma relação prototípica entre a natureza semântica dos nomes incontáveis, as categorias de referentes físicos dos sufixos de forma e as funções formativas, derivacionais e individualizantes deste paradigma.

Tomando somente um exemplo, o sufixo de forma retilíneo **-gi**, vemos isso mais claramente. A língua categoriza lexicalmente o mundo botânico com base nas oposições entre dois tipos de árvores: alguns tipos de árvores são categorizados pelo lexema **yuki**, que abrange todos os tipos de árvores não categorizados pelo lexema **yõo**, que se refere basicamente a todas as palmeiras, coqueiros e bananeiras. Com o tempo, **yuki** reduziu-se a **-gi**. Esta forma, hoje, continua categorizando espécies de árvores, mas também participa de compostos que têm como referentes quaisquer entidades retilíneas, como bastões, estacas, colunas etc. É especialmente significativa a separação semântica e funcional do nome **yuki** e o sufixo **-gi**,

o que pode ser visto quando o próprio lexema originário se combina com o sufixo de forma na palavra **yuki-gi** “árvore” (genérico), em que **yuki** é um lexema incontável, referindo-se à “árvore” conceitualmente, e **yukigi** tem um referente concreto. O lexema **yõ** ainda permanece como nome dependente que categoriza as palmeiras, coqueiros e bananeiras. Nesse sentido, percebemos que o processo de redução fonológica e especialização semântica e morfofuncional dos sufixos de forma está acompanhado de uma extensão metonímica de seu significado originário.

Podemos fazer uma cronologia do processo de gramaticalização dos sufixos de forma: **1º.** redução fonética dos lexemas originários, que é um fator abrangente na língua Tukáno, como os exemplos em (33) e (34) deixam ver; **2º.** houve uma especialização que atingiu de forma homogênea estes sufixos em termos categoriais e funcionais, o que os diferenciou das outras formas lexicais foneticamente reduzidas; **3º.** estabilizados como um paradigma específico, eles passaram a atuar além dos ambientes semânticos e morfossintáticos originais, derivando e classificando outros nomes da língua, tendo como base a extensão metonímica de seu significado.

No seu uso derivacional, encontram-se ainda dois estágios diacrônicos dos sufixos de forma. Um deles, com alguns modificadores, como o interrogativo seletivo **dii-**, o que eram antes raiz e sufixo de forma passaram a formar um único morfema. Isso se evidencia na forma **dipí** [dihpi'] “qual tubular?”, pois o ensurdecimento vocálico antes de uma consoante surda somente acontece intramorfemicamente (Ramirez, 1997).

Por último, em vocábulos básicos como partes do corpo, os falantes não mais reconhecem a presença morfológica de um sufixo de forma, como nas palavras **kapea** “olho” ou **dipoa** “cabeça”, em que uma forma mais conservadora como [kàhpègá] soa ridícula. Na gramática de Bruzzi (1966), ainda se verifica que um modificador concorda com o sufixo de forma **-ga** “roliço”, mas em Ramirez (1997) isto não ocorre mais.

No nível da concordância nominal, os sufixos de forma parecem estar num ponto de transição semântico-gramatical. Por um lado, a forma básica de concordância segue a dos nomes inanimados contáveis, i.e pela repetição no núcleo em cada modificador do sintagma nominal (cf. (21)). Por outro lado, estes morfemas têm atuado na concordância de nomes inanimados que não são marcados morfológicamente por um sufixo de forma, como em (22). A ambivalência das duas formas sugere que, para efeitos de concordância nominal, a categoria [forma] está num estágio de transição do nível semântico-gramatical dos nomes contáveis em geral para um estágio de categoria semântica destacada da semântica e gramática lexical.

3.2.3 O *status* gramatical dos sufixos de forma

A oscilação das propriedades semânticas, morfológicas e funcionais entre sufixos e nomes coloca os sufixos de forma num *status* gramatical de morfemas que estão num ponto intermediário entre não possuir as características de nomes e sufixos da língua e, ao mesmo tempo, ter semelhanças semânticas, formais e funcionais ora com os sufixos ora com os nomes. Somado a isso, a semântica e o nível gramatical da

classificação que estes morfemas produzem parece apontar para um grau bastante incipiente de classificação.

Nos compostos formados por nome e um sufixo de forma, a categorização se dá no nível semântico do denotatum lexical. Isso é um estágio anterior, ou gramaticalmente mais restrito, do que ocorre em algumas línguas cujos classificadores correspondem a divisões semânticas e gramaticais dos nomes (cf. Dixon, 1986; Craig, 1986; Aikhenvald, 2000). Como recurso semântico e gramatical, os sufixos de forma não correspondem a uma propriedade dos nomes em Tukáno de serem *tubular*, *esférico*, *retilíneo etc.*; antes disso, eles correspondem a uma segmentação semântica do universo concreto, i.e das formas do mundo referencial.

Essa segmentação em larga escala é realizada pelos nomes da língua, mas a categoria [forma] e seus morfemas vêm historicamente se destacando do mundo lexical, porém o estágio atual é ainda bem próximo ao mundo lexical, e somente num nível incipiente próximo ao mundo gramatical. Dentro dos parâmetros tipológicos de Grinevald (2000), poderíamos classificar os sufixos de forma no ponto intermediário entre o léxico e a gramática, com maior aproximação, no entanto, ao pólo lexical.

A maneira e a direção de classificação que estes morfemas produzem os vincula a um tipo de categorização bem mais típica do universo lexical do que próprio de classificadores que subdividem os nomes de uma língua. Senft (2000), procurando diferenciar dois mecanismos que produzem sentidos de classificação, comenta:

Classifiers classify a noun inherently, i.e they designate and specify semantic features inherent to the nominal denotatum and divide the set of nouns of a certain language into disjunct classes.

Quantifiers classify a noun temporally, i.e they can be combined with different nouns in a rather free way and designate a specific characteristic feature of a certain noun which is not inherent to it (p.21).

Isso não quer dizer que os sufixos de forma devessem ser analisados como meros quantificadores, apesar de que uma de suas funções principais é a individualização de conceitos genéricos. Porém, como vimos, sufixos de forma contrastam com quantificadores lexicais em Tukáno. Além disso, eles também contrastam com o partitivo **-ro** (cf. (10)) por denotarem um componente semântico que categoriza as formas físicas referenciais. Entendemos que eles possuem uma natureza híbrida entre morfemas gramaticais e o léxico, entre classificadores e quantificadores.

Os sufixos de forma como categorias e formas de subclassificação nominal estão em contraste com a categoria de sexo biológico dos nomes animados. Analisando as formas que marcam gramaticalmente essas duas maneiras de subclassificação nominal, os sufixos de forma parecem possuir uma história mais recente, com uma origem lexical mais evidente. Isso implica que os sufixos de forma estão, como categorias semânticas e morfemas, numa posição bem mais próxima ao universo lexical, enquanto que a categoria [+feminino] e algumas de suas marcas estão bem mais internalizadas na gramática da língua Tukáno.

O fato de os sufixos de forma se repetirem em cada modificador do núcleo do sintagma nominal é explicado de maneira mais simples e coerente, sincrônica ou diacronicamente, não os entendendo como um tipo de *multiple classifier system* (Aikhenvald, 2000) ou *sistema misto de classificadores* (Derbyshire and Payne, 1990; Barnes, 1990), mas dando atenção a um tipo de estrutura interna do SN e à maneira menos marcada com que a língua estabelece concordância dos nomes inanimados. Caso a hipótese de gramaticalização dos sufixos de forma esteja correta, não haveria razão para discordar que a repetição dos sufixos de forma em cada modificador do sintagma nominal é reflexo da estrutura menos marcada de repetição do núcleo sintático inanimado em cada modificador do sintagma nominal.

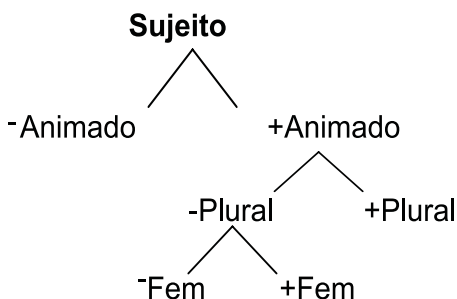
A ambivalência da concordância de nomes como **wêô** “flauta” (cf.(22)) é mais um indício de uma função gramatical ainda incipiente da categoria [forma].

4. Conclusão: a hierarquia do SCN do Tukáno

Nesta seção, concluo o estudo definindo a hierarquia semântico-gramatical da língua Tukáno para os três níveis morfossintáticos relevantes para este sistema: a palavra morfológica, a concordância nominal e concordância verbo-sujeito. Além disso, procuro adicionar argumentos para justificar a escolha de algumas categorias como mais marcadas do que outras (e.g [+feminino]).

A concordância verbo-sujeito apresenta a hierarquia mais simples:

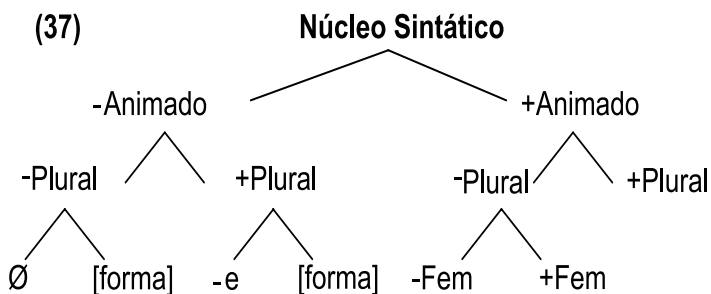
(36)



A escolha de [\pm plural] como categoria dominante sobre [\pm feminino] é devido ao fato de não haver concordância no verbo como [+plural] e [+feminino], prevalecendo somente o traço [+plural]. Essa hierarquia é a mesma apresentada em (18).

A hierarquia presente na concordância do SN é representada abaixo:

(37)



A hierarquia animada é a mesma para a concordância verbo-sujeito. Para os nomes inanimados, [+plural] é o mais marcado quando vemos que um demonstrativo como **ati** “este” concorda em sua forma básica com nomes [-plural] (38a), enquanto é marcado pelo sufixo **-e** [+plural] quando concorda com um nome [+plural].

(38a) ati wi'i

esta casa

“esta casa”

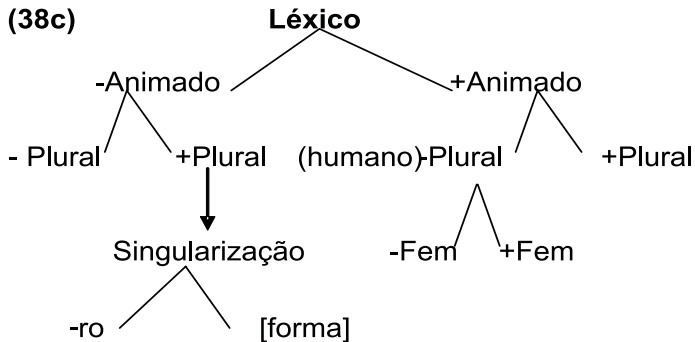
(38b) ati-e wiseri

esta-pl casa

“estas casa”

A categoria [forma] é dominada por [\pm plural], pois os sufixos de forma também são marcados como [\pm plural]. Além disso, [forma] contrasta com ‘Ø’ para os nomes [-plural] (repetição do nome núcleo do SN), e com **-e** [\pm plural] na concordância do SN. Neste sentido, ‘Ø’ representa os nomes não especificados para [forma].

A hierarquia para o léxico segue abaixo:



No léxico, a hierarquia animada é a mesma que na concordância, porém somente nomes humanos são intrinsecamente especificados como [\pm feminino]. Para os nomes inanimados, [forma] é um recurso derivacional, por isso o uso de uma seta em vez de uma ligação simples. [forma] contrasta com um tipo de singularização também marcado como ‘Ø’, mas que aqui foi especificado pelo partitivo **-ro** (cf. (10)). Se

não levarmos em conta o recurso derivacional, a hierarquia inanimada se limita à distinção lexical [\pm plural]. Isto é mais uma evidência das restrições gramaticais que [forma] tem na língua Tukáno.

Notas

¹O Tukáno é uma língua da família lingüística Tukáno, ramo oriental. É falada por cerca de 10000 pessoas no Noroeste Amazônico, fronteira entre o Brasil, Colômbia e Venezuela, nos rios Balaio, rio Negro, Uaupés, Papuri e Tiquié. Vivem na região povos falantes de línguas Aruák, Makú e Tukáno, constituindo uma vasta área cultural baseada num sistema de trocas econômicas, culturais e matrimoniais. A relativa homogeneidade de aspectos estruturais da região entre os diferentes povos aponta para uma história profunda de contato e assimilações lingüístico-culturais, em que a regra de exogamia matrimonial e a habitação virilocal são elementos chaves desse sistema.

²Apesar de diferenças morfológicas entre os nomes animados do Tukáno, do Tatúyo e do Wanáno, podemos estender a análise de Gomez-Imbert e Stenzel para nossos objetivos, sem forçar a língua Tukáno a corresponder a uma interpretação específica nem modificar profundamente a concepção inicial das autoras.

³Alguns pequenos mamíferos que vivem em grupo ou formam pequenas família são tratados como seres gregários. Exemplo: “esquilo” **wiso-a**.

⁴Em pesquisa realizada junto a falantes Desáno, pudemos perceber o mesmo fenômeno, assim como Stenzel (2004) o descreve para o Wanáno.

⁵‘Espinafre’ não é um vegetal cultivado pelos índios Tukáno. O tipo de associação entre ‘metal’ e ‘folha’ foi feito pelo Tukáno Álvaro Sampaio, que vive em Brasília há anos e sabe que espinafres contêm alto teor de ferro

Referências Bibliográficas

AIKHENVALD, Alexandra Y. **Classifiers**: A typology of noun categorization devices. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ALLAN, Keith. Classifiers. **Language**, v.53, p.285-311, 1977.

ANDERSON, R. Stephen. *Typological distinctions in word formation*. In: Shopen, Timothy. (Ed.). **Language typology and**

syntactic description. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-56 (Gramatical categories and the lexicon, v.3).

BARNES, Janet. Classifiers in Tuyuca. In: Payne, Doris L. (Ed.). **Amazonian linguistics: studies in lowland south American languages**, Austin: University of Texas Press, 1990. p.273-292.

_____. Tucano. In: Dixon, Robert M.W.; Aikhenvald, Alexandra Y. (Eds.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.207-225.

DIXON, R.M.W. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: Craig, Colette. (Ed.). **Noun classes and categorization**. Amsterdan: Benjamins, 1986. p.105-112.

DERBYSHIRE, Desmond C.; Payne, Doris L. Noun classification systems of Amazonian languages. In: Payne, Doris L. (Ed.). **Amazonian linguistics: studies in lowland south American languages**. Austin: University of Texas Press, 1990. p.243-271.

GOMES, Dionei Moreira. **Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)**. Brasília: UnB, 2006. 299 p. (Tese de Doutorado).

GOMEZ-IMBERT, Elsa. **De la forme et du sens dans la classification nominale en tatuyo (langue Tukano Orientale d'Amazonie Colombienne)**. Paris: Sorbonne, 1986. (Doctorat de 3° Cycle).

_____. Nominal classification in Tukanoan languages. In: Wetzels, W. Leo (Ed.). **Language endangerment and endangered languages: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the andean-Amazonian border area indigenous languages of Latin America**. Leiden: Leiden University, 2007.p. 401-428.

GOMEZ-IMBERT, Elsa. When animals become rounded and feminine: conceptual categories and linguistic classification in a multilingual setting?, In: Gumperz, John J; Levinson, Stephen C. (Eds.). **Rethinking Linguistic Relativity**. Cambridge: Cambridge University Press. 1996. p. 438-469.

GRINEVALD, Colette. Classifiers. In: Booij, Geert E. et al. **Morphology: An international handbook on inflection and word-formation**. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. v.2. p.1016-1031.

_____. Linguistics of classifiers. In: Comrie, B. (Ed). **Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**, [S.l.]: Elsevier Science Ltda, 2000. p.1973-1978

_____. A morphosyntactic typology of classifiers. In: Senft, Gunter (Ed.). **Systems of nominal classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p.50-92.

_____. Typologie des systèmes de classification nominale. **La Catégorisation Dans les Langues, Faits de langues**, 14, p.101-123, 1999.

GRINEVALD, Colette; Seifart, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison. **Linguistic Typology**, n. 8, p.243-285, 2004.

HASPELMATH, Martin. **Understanding morphology**. London: Arnold, 2002.

KAYE, Jonathan D. **The Desano verb: problems in semantics, syntax and phonology**. New York: Columbia University, 1970.

MILLER, Marion. **Desano grammar: Studies in the languages of Colombia 6**. Dallas: Summer Institute of Linguistics; University of Texas at Arlington, 1999.

PAYNE, Doris L. (Ed.). **Amazonian linguistics: studies in lowland south American languages**. Austin: University of Texas Press, 1990.

RAMIREZ, Henri. **A fala Tukáno dos Ye'pa Masa: dicionário**. Manaus: CEDEM, 1997. T.2.

_____. **A fala Tukáno dos Ye'pa Masa: gramática**. Manaus: CEDEM, 1997. T.1.

_____. Order of determination, ergativity and classifier gênesis: Tucanoan versus Yanomaman. In: **Proceedings of the 49º International Congress of Americanists** - Quito, Equador, Julho 7-11, 1997.

SENFT, Gunter (Ed.). **Systems of nominal classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. What do we really know about nominal classification systems?. In: Senft, Gunter (Ed.). **Systems of nominal classification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 11-49.

SEIFART, Frank. **The structure and use of shaped-based noun classes in Miraña (North West Amazon)**. Nijmegen: Univeriteit Nijmegen, 2005. (MPI Series in Psycholinguistics).

SEIFART, Frank; Payne, Doris. (Eds). Nominal Classification in the North West Amazon: issues in areal diffusion and typological characterization. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, v. 73, n. 4, p. 381-387, out., 2007.

SORENSEN, Arthur. **The morphology of Tukano**. New York: Columbia University, 1969.

STENZEL, Kristine Sue. **A reference grammar of Wanano**. Boulder: University of Colorado, 2004. (Ph. D. Dissertation).

